

## ESPECIAL Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

### No Pará, o último jogo de Librelato

» Mahicon Librelato tinha 21 anos quando ajudou a salvar o Inter no Mangueirão. Onze dias depois, ele sofreu um acidente em Florianópolis e faleceu. O jogador derrapou a sua camionete nas proximidades da ponte Hercílio Luz, bateu em um poste e caiu no mar. "Ele era a minha maior aposta. Um grande jogador e um homem sensacional", lembra Fernando Carvalho. Librelato era cotado para a Seleção olímpica que disputou os Jogos de 2004.

# A QUASE TRAGÉDIA

Há 10 anos, uma vitória não só mantinha o time na Série A como mudava os conceitos do clube para toda a década

■ FABRÍCIO FALKOWSKI

fabricio@correiodopovo.com.br

**L**ogo depois do almoço, um aguaceiro desabou, daqueles típicos da região Amazônica. Foi tanta água que se chegou a duvidar da realização da partida. Mas, depois do temporal, veio o sol, que secou o gramado do Mangueirão e o deixou pronto para Paysandu x Inter, o jogo que entrou para a história colorada como a pedra fundamental de toda uma trajetória de vitórias que viria nos anos seguintes. De quase rebaixado, o Inter foi ao mundo. Foi há dez anos – completados hoje –, mas para a maioria dos envolvidos parece que foi ontem. "Foi um divisor de águas. A partir dali, o Inter foi outro", lembra Fernando Carvalho.

A dramaticidade foi total. No meio da semana, o Inter havia perdido para o Cruzeiro no Beira-Rio por 1 a 0. Na saída de campo, os atletas admitiam que o rebaixamento para a Segunda Divisão era iminente. Carvalho antecipou a viagem a Belém. A delegação embarcou na quinta-feira para o jogo que seria somente domingo.

"A nossa situação era terrível. Além de vencer o Paysandu, precisávamos de resultados paralelos. Os salários dos jogadores estavam atrasados em um mês, os direitos de imagem, em três", recorda Carvalho, que estava finalizando o primeiro ano da sua gestão. "Se caíssemos, ficaria marcado como o presidente que rebaixou o Inter", prossegue. O vestiário estava conturbado. Muitos jogadores foram afastados por indisciplina. "Tinham bons jogadores, mas os caras não se cuidavam. E isso se refletia no campo", relembra Clemer, o camisa 1 daquele time e um dos raros que permaneceu para 2003 com contrato renovado.

O Inter viajou na 24ª posição do Campeonato Brasileiro, que naquele ano era disputado por 26 times. Ou seja, já estava na zona de rebaixamento. Tinha 26 pontos, um a mais que o Botafogo e um a menos que Paraná, Bahia, Portuguesa e Palmeiras. O Gama, com 22 pontos, já estava matematicamente rebaixado. Todos os outros lutavam para não ficar entre os três degolados. "Eu tentava motivar o pessoal, mas nem meu discurso estava bom naquelas alturas", lembra Carvalho.

O jogo foi tenso do início ao fim. O Paysandu equilibrou no primeiro tempo. No segundo, deu Inter. Aos 13 minutos, Mahicon Librelato aparou cruzamento de Fernando Baiano e abriu o placar. O 2 a 0 veio 3 minutos mais tarde, com o próprio Fernando Baiano cobrando falta. "Foi uma sensação de alívio muito grande. Só vivi emoção semelhante em 2006, quando o Inter foi campeão mundial", continua Carvalho.

No vestiário, o presidente colorado jogou-se nas banheiras com os jogadores. "Cara, naquela hora a gente não pensou em nada. Só puxamos o homem", lembra Clemer. O Inter continuou na Primeira Divisão, reciclou-se, mudou a forma de gerir seu futebol e conquistou o mundo.



“

Aquele jogo foi o alicerce de tudo o que aconteceu depois. Quem passa por aquilo tudo uma vez, não quer repetir

Cláudio Duarte

Técnico do Inter naquele jogo

“

Aquele jogo foi um divisor de águas. Depois dele, não paramos mais de crescer. Aprendemos a lição

Fernando Carvalho

Ex-presidente do Inter

“

Ninguém queria passar por aquilo. Mas foi o resultado dos erros de todo um ano. O clube cresceu depois

Clemer

Ex-goleiro do Inter, hoje técnico

## Entre as lições, investigar o passado

» A partir da quase tragédia de Belém, o Inter passou a investigar a história pregressa dos jogadores antes de contratá-los. Os contratos de duração curta também foram abandonados. E nunca mais houve atraso nos salários dos jogadores. "Ficou o aprendizado. Não podíamos repetir os mesmos erros", lembra Carvalho, que fez uma limpa no vestiário na volta a Porto Alegre.

## Nos anos seguintes, os títulos

» Depois de Belém, já sob uma nova filosofia, o Inter enfileirou títulos e boas campanhas. Em 2005, 2006 e 2009, foi vice-campeão do Brasileiro. Em 2006, foi campeão da Libertadores e do Mundial. Em 2007 e 2011, conquistou a Recopa, em 2008, a Copa Sul-Americana. Em 2010, repetiu a Libertadores. E, dos dez títulos de Gauchão possíveis, ganhou sete.

# QUE MUDOU O INTER



Fernando Baiano comemora o segundo gol colorado na partida, quando finalmente a torcida colorada pôde respirar mais aliviada

## Sem saudades

Cláudio Duarte foi técnico do Inter por apenas quatro partidas, as últimas daquela campanha no Brasileiro. Mas os 15 dias à frente do time colorado não são guardados com orgulho na memória do treinador.

"Minhas lembranças daquilo tudo são as piores possíveis. Entrei no projeto meio sem vontade, pois sabia que seria muito complicado. E vivi situações no vestiário que faço questão de esquecer", afirma Cláudio Duarte, que completa: "Tive uma vitória pessoal, mas com gosto amargo. Ajudei a livrar o Inter da Segundona. Esta é a parte que orgulha".

O treinador conta que sequer foi ao vestiário após a partida. "Fiquei lá fora, conversando com as pessoas", relembra. Depois da partida, Cláudio ocupou um cargo na comissão técnica. Foi diretor de futebol. Cuidava da disciplina do grupo, dos horários e também ajudava a comissão técnica: "Aquele jogo foi o primeiro degrau da escada que levou o Inter até onde chegou", finaliza.

## Dirigente reacende polêmica

### Paysandu 0 x 2 Inter

Marcão	Clemer
Sérgio	Chris
Gino	Luiz Alberto
Dobrada	Vinícius
Souza	Chiquinho
Jóbson	(Cássio)
(Claison Rato)	Claiton
Sandro Goiano	(Duílio)
Vanderson	Cleiton Xavier
Vélber	Alexandre
Zé Augusto	Cleitão
(Albertinho)	Librelato
Vandick	(Fabiano Costa)
<b>Técnico:</b>	F. Baiano
Hélio dos	<b>Técnico:</b>
Anjos	Cláudio Duarte

**Data:** 17/11/2002

**Local:** Estádio Mangueirão, em Belém (PA).

**Árbitro:** Valdomiro Silva Filho.

**Público:** 40.305 pessoas.

**Gols:** Mahicon Librelato, aos 13min, e Fernando Baiano, aos 16min, do segundo tempo.

**Cartões Amarelos:** Cleitão, Fernando Baiano, Chris, Cássio, Alexandre, Souza, Marcos e Zé Augusto.

“Quatro jogadores do Paysandu se venderam. Não tenho provas e, por isso, não vou citar nomes, mas é certo que aconteceu.” Assim, o ex-presidente do clube paraense fala, pela primeira vez, sobre os rumores que cercaram a partida daquele 17 de novembro de 2002. José Artur Guedes Tourinho hoje está afastado do futebol e ocupa a presidência da Junta Comercial de Belém. Na época, presidia o Paysandu. “É a lei da oferta e da procura. A torcida não aceita que um clube do tamanho do Inter caia”, observa.

Tourinho revela detalhes de como tudo teria acontecido. Segundo ele, o assédio começou na quinta-feira que antecedeu a partida, quando os primeiros contatos de pessoas ligadas ao Inter ocorreram. No dia seguinte, prevendo que a oferta também chegaria aos jogadores, Tourinho procurou um contraveneno: uma premiação extra para vitória, não para derrota. Buscou junto à Amazônia Celular um bicho extra de R\$ 50 mil para dividir entre os atletas. “Na sexta-feira à noite, peguei os R\$ 50 mil, juntei com mais R\$ 20 mil do caixa do Paysandu e

fui para o hotel da concentração. Reuni o grupo, olhei na cara de cada um e disse: ‘Tem alguém que quer se vender aqui?’. Ninguém confirmou. Então, disse que daria os R\$ 70 mil para o time ganhar do Inter. O rebaixamento do Inter seria uma notícia mundial, e todo mundo ganharia, inclusive o patrocinador”, afirma ele.

Mas o plano teria dado errado. “Os quatro jogadores tiveram uma reunião com um empresário no sábado, véspera da partida. Foi no almoço. Acho que foi ali que acertaram tudo”, lembra. Hoje, o empresário citado encontra-se preso em Belém acusado de duplo homicídio.

O ex-presidente do Paysandu conta que, depois do jogo, foi até o vestiário sob um chuva de moedas atiradas pela revoltada torcida. Chegando lá, conta que perdeu a razão e tentou agredir um dos “vendidos”. “Fui para cima dele. Mas o pessoal separou”, conta. Segundo Tourinho, houve também um sério desentendimento dos quatro atletas com o resto do grupo. Afinal, segundo a versão do dirigente, os quatro receberam uma bolada, enquanto que os outros nem os R\$ 70 mil puderam amearhar.

## Para Clemer, ‘papo-furado’

Já na época da partida, as informações de que alguns jogadores do Paysandu teria “facilitado” circulou tanto em Porto Alegre quanto em Belém. A manchete do jornal O Liberal, um dos principais do Pará, anunciou no dia seguinte ao jogo: “Papão envergonha a Fiel”. O **Correio do Povo** também noticiou o fato e na-

quele época entrevistou Tourinho, que confirmou ter sido assediado por “pessoas interessadas em intermediar um encontro” entre ele e dirigentes colorados. Hoje, como naquela época, todos ligados ao Inter negam com ênfase e indignação: “Isto tudo é papo-furado. Aquele jogo foi muito difícil”, relembra Clemer.



Cláudio Duarte era o técnico do Inter